

Revisão dos Temas Trabalhados com Análise Textual

E U
P A S-
S O

T U
P A S-
S A S

E L E
R A-
L A

Revisão dos Temas Trabalhados com Análise Textual

1.

Adão Hurreusgarai
Folha de São Paulo, 05/03/2013.

O sentido da charge se constrói a partir da ambiguidade de determinado termo. O termo em questão é:

- a) fora
- b) agora
- c) sistema
- d) protestar

2.



Quino, Mafalda 2. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

a) O sentido do texto se faz com base na polissemia de uma palavra. Identifique essa palavra e explique por que a indicou.

b) A tirinha visa produzir não só efeito humorístico, mas também efeito crítico. Você concorda com essa afirmação? Justifique sua resposta.

3.



CURY, C. Disponível em: <http://tirasnacionais.blogspot.com>. Acesso em: 13 nov. 2011. (Foto: Reprodução)

A tirinha denota a postura assumida por seu produtor frente ao uso social da tecnologia para fins de interação e de informação. Tal posicionamento é expresso, de forma argumentativa, por meio de uma atitude

- a) crítica, expressa pelas ironias.
- b) resignada, expressa pelas enumerações.
- c) indignada, expressa pelos discursos diretos.
- d) agressiva, expressa pela contra-argumentação.
- e) alienada, expressa pela negação da realidade.

4. Até quando?

Não adianta olhar pro céu
Com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer
E muita greve, você pode, você deve, pode crer
Não adianta olhar pro chão
Virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus
Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!

GABRIEL, O PENSADOR. *Seja você mesmo (mas não seja sempre o mesmo)*. Rio de Janeiro: Sony Music, 2001 (fragmento).

As escolhas linguísticas feitas pelo autor conferem ao texto

- a) caráter atual, pelo uso de linguagem própria da internet.
- b) cunho apelativo, pela predominância de imagens metafóricas.
- c) tom de diálogo, pela recorrência de gírias.
- d) espontaneidade, pelo uso da linguagem coloquial.
- e) originalidade, pela concisão da linguagem.

5. (UERJ)

Os usos da casimira inglesa

Estou lhe escrevendo, Matilda, para lhe transmitir aquilo que a contrariedade (para não falar indignação) me impediu de dizer de viva voz. Note, é a primeira vez que isso acontece nos nossos 35 anos de casados, mas é primeira vez que pode também ser a última. Não é ameaça. É constatação. Estou profundamente magoado com sua atitude e não sei se me recuperarei.

- 5 Tudo por causa de sua teimosia. Você insiste, contra todas as minhas ponderações, em dar a seu pai um corte de casimira inglesa como presente de aniversário. Eu já sei o que você vai me dizer: é seu pai, você gosta dele, quer homenageá-lo. Mas, com casimira, Matilda. Com casimira inglesa, Matilda. Que horror, Matilda.

- 10 Raciocinemos, Matilda. Casimira inglesa, você sabe o que é isso? A lã dos melhores ovinos, Matilda. A tecnologia de um país que, afinal, deu ao mundo a Revolução Industrial. O trabalho de competentes funcionários. E sobretudo tradição, a qualidade. Esse é o tecido que está em questão, Matilda. A casimira inglesa.

(...)

Isso, a casimira inglesa. Agora, seu pai.

- 15 Ele está fazendo noventa anos. É uma idade respeitável, e não são muitos que chegam lá, mas – quanto tempo ele pode ainda viver? (...) mesmo que ele viva dez anos, mesmo que ele viva vinte anos, a casimira sem dúvida durará mais. Aí, depois que o sepultarmos, depois que voltarmos do cemitério, depois que recebermos os pêsames dos parentes, e dos amigos, e dos conhecidos, teremos de decidir o que fazer com as coisas dele, que são poucas e sem valor – à exceção de um casaco confeccionado com o corte de casimira que você pretende lhe dar.

- 20 Você, em lágrimas, dirá que não quer discutir o assunto, mas eu terei que insistir, até para o seu bem, Matilda; os mortos estão mortos, os vivos precisam continuar a viver, eu direi. Algumas hipóteses serão levantadas. Vender? Você dirá que não; seu pai, o velho fazendeiro, verdade que arruinado, despreza coisas como comprar e vender, ele acha que ser lojista, como eu, é a suprema degradação. Dar? A quem? A um pobre? Mas não, ele sempre detestou pobres.
- 25 Matilda, você lembra a frase característica de seu pai: tem que matar esses vagabundos. O casaco ficaria pendurado em nosso roupeiro, Matilda. Ficaria pendurado muito tempo lá. A não ser, Matilda, que seu pai dure mais tempo que o casaco. Não apenas isso é impossível, como remete a uma outra interrogação: e o seguro de vida dele, Matilda? E as joias de sua mãe, que ele guarda debaixo do colchão? Quanto tempo ainda terei de esperar?

- 30 Estou partindo Matilda. Deixo o meu endereço. Como você vê, estou indo para longe, para uma pequena praia da Bahia. Trópico, Matilda. Lá ninguém usa casimira.

Machyr Soliar
Contos reunidos: São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

Apesar de enunciado em primeira pessoa, o texto inclui, implícita ou explicitamente, outras vozes.

Um exemplo da presença explícita da fala de outro personagem no texto é:

- a) Que horror, Matilda. (l. 8)

- b) A tecnologia de um país que, afinal, deu ao mundo a Revolução Industrial. (l. 10)
- c) tem que matar esses vagabundos. (l. 25)
- d) Lá ninguém usa casimira. (l. 31)

6. Em ensaio publicado em 2002, Nicolau Sevcenko discorre sobre a repercussão da obra de Euclides da Cunha no pensamento político nacional.

“Acima de tudo Euclides exaltava o papel crucial do agenciamento histórico da população brasileira. Sua maior aposta para o futuro do país era a educação em massa das camadas subalternas, qualificando as gentes para assumir em suas próprias mãos seu destino e o do Brasil. Por isso se viu em conflito direto com as autoridades republicanas, da mesma forma como outrora lutara contra os tiranetes da monarquia. Nunca haveria democracia digna desse nome enquanto prevalecesse o ambiente mesquinho e corrupto da ‘república dos medíocres’(...). Gente incapaz e indisposta a romper com as mazelas deixadas pelo latifúndio, pela escravidão e pela exploração predatória da terra e do povo.

(...) Euclides expôs a mistificação republicana de uma 'ordem' excludente e um 'progresso' comprometido com o legado mais abominável do passado. Sua morte precoce foi um alívio para os césores. A história, porém, orgulhosa de quem a resgatou, não deixa que sua voz se cale.”

(Nicolau Sevcenko, O outono dos césores e a primavera da história Revista da USP, São Paulo. n. 54. p. 30-37, jun-ago 2002.)

- a) No último período do texto, há uma ocorrência do conectivo “porém”. Que argumentos do texto são articulados por esse conectivo?
- b) Apresente o argumento que embasa a posição atribuída a Euclides da Cunha em relação ao lema da Bandeira Nacional.

7. Examine a seguinte matéria jornalística:

Sem-teto usa topo de pontos de ônibus em SP como cama

Às 9h desta segunda (17), ninguém dormia no ponto de ônibus da rua Augusta com a Caio Prado. Ninguém a não ser João Paulo Silva, 42, que chegava à oitava hora de sono em cima da parada de coletivos.



“Eu sempre durmo em cima desses pontos novos. É gostoso. O teto tem um vidro e uma tela embaixo, então não dá medo de que quebre. É só colocar um cobertor embaixo, pra ficar menos duro, e ninguém te incomoda”, disse Silva depois de acordar e descer da estrutura. No dia, entretanto, ele estava sem a coberta, “por causa do calor de matar”.

Por não ter trabalho em local fixo (“Cato lata, ajudo numa empresa de carreto. Faço o que dá”), ele varia o local de pouso. “Às vezes é aqui no centro, já dormi em Pinheiros e até em Santana. Mas é sempre nos pontos, porque eu não vou dormir na rua”.

www1.folha.uol.com.br, 19/03/2014. Adaptado.

a) Qual é o efeito de sentido produzido pela associação dos elementos visuais e verbais presentes na imagem acima? Explique.

b) O vocábulo “pra”, presente nas declarações atribuídas a João Paulo Silva, é próprio da língua falada corrente e informal. Cite mais dois exemplos de elementos linguísticos com essa mesma característica, também presentes nessas declarações.

8. (UERJ)

Viagem ao centro da Terra

De início, não enxerguei nada. Havia muito tempo sem verem a luz, meus olhos imediatamente se fecharam. Quando consegui ver de novo, fiquei mais assustado que admirado:

– O mar!

5 – É – respondeu meu tio –, o mar Lidenbrock, e espero que nenhum navegador vá me contestar a honra de tê-lo descoberto e o direito de batizá-lo com meu nome!

Um enorme lençol de água, o começo de um lago ou de um oceano, estendia-se até onde minha vista não podia alcançar. As ondas vinham bater numa praia bastante recortada, formada por uma areia fina e dourada, salpicada por aquelas conchinhas que abrigaram os primeiros seres da criação. As ondas quebravam com aquele barulho característico dos ambientes muito amplos e fechados. Uma espuma
10 leve era soprada por um vento moderado, e uma garoa me batia no rosto. A cerca de duzentos metros das ondas, naquela praia ligeiramente inclinada, estavam as escarpas de rochedos enormes, que se elevavam a uma altura incalculável. Alguns deles, cortando a praia com sua aresta aguda, formavam cabos e promontórios desgastados pelos dentes da arrebentação. Mesmo ao longe, seus contornos podiam ser vistos em contraste com o fundo nebuloso do horizonte.

15 Era realmente um oceano, com o contorno irregular das praias terrestres, mas deserto, com um aspecto selvagem assustador.

Se minha vista podia passear ao longe naquele mar, era porque uma luz "peculiar" iluminava seus menores detalhes. Não a luz do Sol, com seus fachos brilhantes e sua irradiação plena, nem a da Lua, com seu brilho pálido e impreciso, que é apenas um reflexo sem calor. Não, aquela fonte de luz
20 tinha uma propagação trêmula, uma claridade branca e seca, uma temperatura pouco elevada e um brilho de fato maior que o da Lua, evidenciando uma origem elétrica. Era como uma aurora boreal, um fenômeno cósmico permanente numa caverna capaz de conter um oceano.

JÚLIO VERNE

Viagem ao centro da Terra. São Paulo: Ática, 2000.

Não, aquela fonte de luz tinha uma propagação trêmula, uma claridade branca e seca, uma temperatura pouco elevada e um brilho de fato maior que o da Lua, evidenciando uma origem elétrica. (l. 19-21)

A passagem transcrita acima revela uma característica na descrição do cenário que pode ser definida como:

- a) exemplificação do tema do diálogo entre personagens
- b) intensificação do envolvimento do narrador com a cena
- c) contraposição com os aspectos visuais relativos à paisagem
- d) enumeração de elementos díspares na composição do espaço

Gabarito

1. C
2. a) A polissemia tem a função de atribuir a uma mesma palavra diferentes valores semânticos, dependendo do contexto em que a mesma esteja inserida. Na tirinha, a palavra que adquire esse valor é “veículo”. No primeiro quadrinho, esse termo ganha o significado de transmissão, meio de comunicação, enquanto que no quarto quadrinho, a palavra “veículo” é retomada com o valor semântico de condução, meio de transporte.
b) Sim. Esse senso crítico é visível a partir do terceiro quadrinho, em que as onomatopeias simbolizam cenas violentas, que são transmitidas pelos meios de comunicação e podem influenciar o interlocutor. Além disso, essa ideia é confirmada no quarto quadrinho, com o uso polissêmico da palavra “veículo”, que induz ao amigo leitor, o despertar de um senso crítico em relação à mídia e a programação exposta na TV, mostrando programas inapropriados para crianças.
3. A
4. D
5. C
6. a) Para o autor, a morte precoce de Euclides da Cunha foi um alívio para a elite republicana, os “césares”. A esse posicionamento se contrapõe um outro, marcado pela presença do conectivo “porém”, que afirma que a história não deixa que a voz de Euclides da Cunha se cale.
b) O lema “Ordem e Progresso”, segundo Sevcenko, é colocado em questão por Euclides da Cunha. Para Euclides, que defendia a educação das massas e denunciava o ambiente republicano, o lema é uma mistificação republicana porque a “ordem” remete à exclusão das camadas subalternas da população, e o “progresso” está comprometido com o legado do passado: as mazelas deixadas pelo latifúndio, pela escravidão e pela exploração predatória da terra e do povo.
7. a) O efeito de sentido produzido é de contradição. Os elementos verbais atribuem ao novo design dos pontos de ônibus “conforto, segurança e beleza”, o que é confirmado pela imagem, que apresenta um ponto bem demarcado, com assentos e cobertura, além de moderno e bonito, e se opõe ao sem-teto que usa o topo do ponto de ônibus como cama.
b) Entre os elementos linguísticos próprios da língua falada de João Paulo, além do uso coloquial de “pra”, há também o emprego informal da expressão “calor de matar”, “faço o que dá”.
8. B